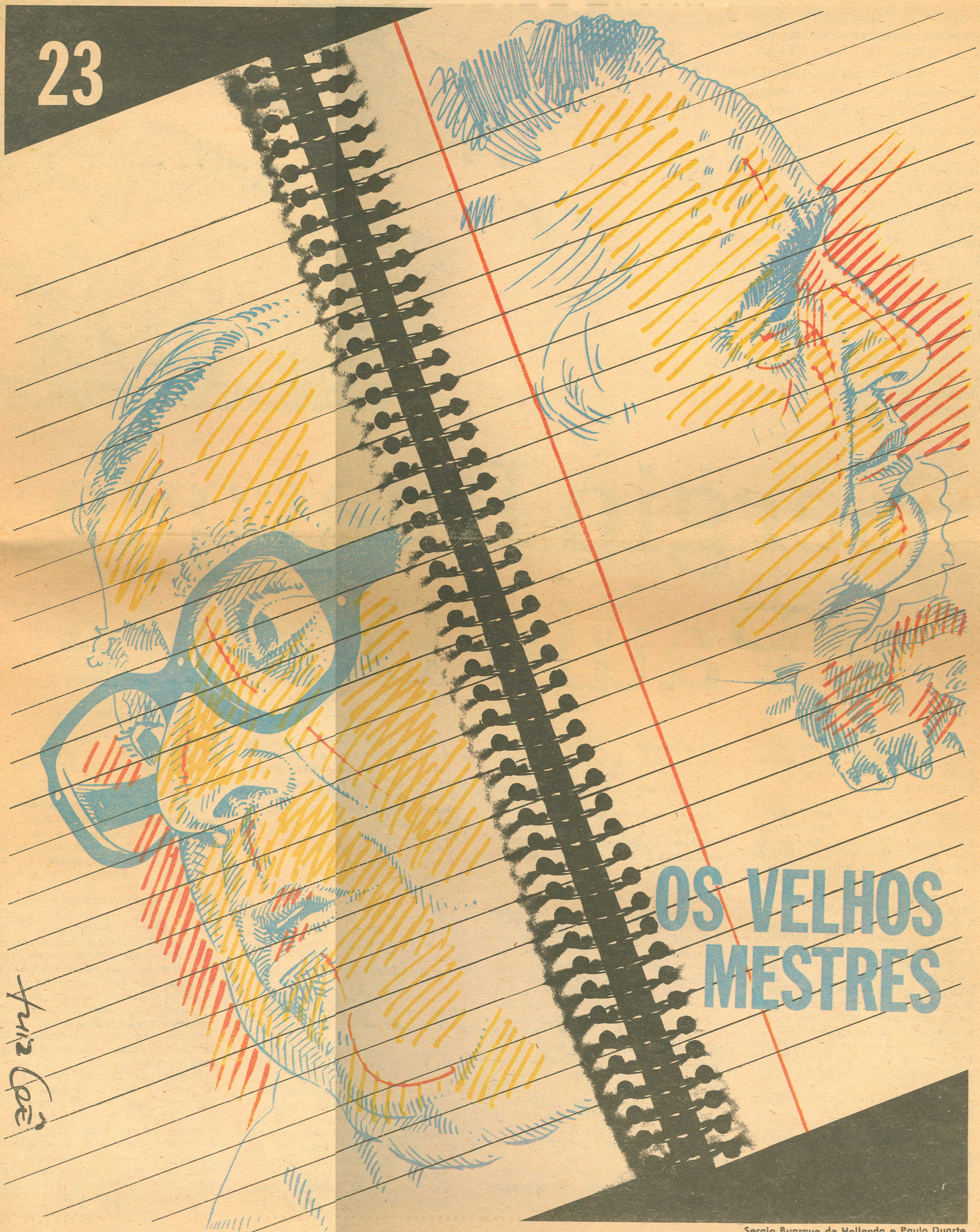
SBH
Vp209 P4

São Paulo, domingo, 26 de junho de 1977

FOLHETIM

Não pode ser vendido separadamente

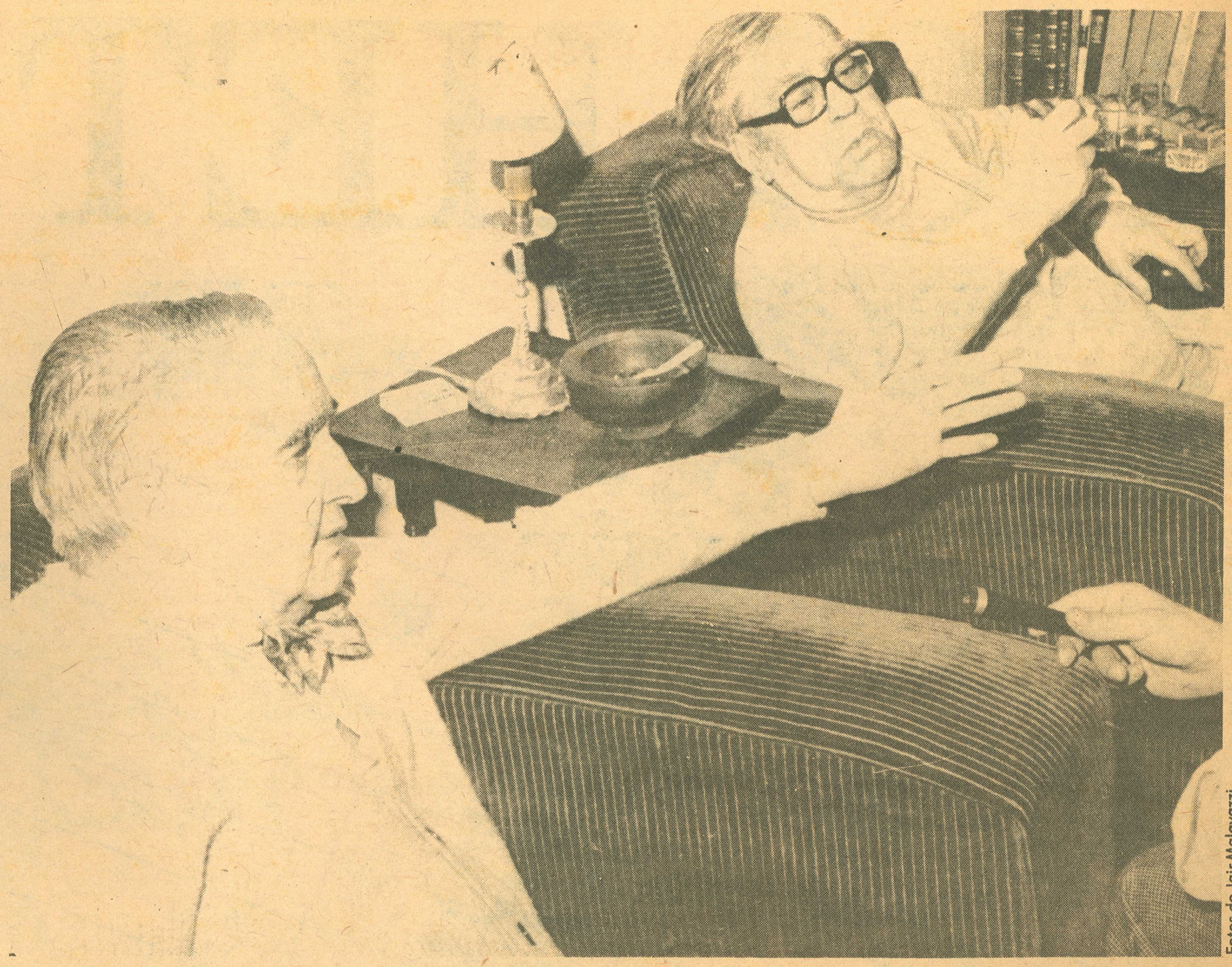
23



OS VELHOS MESTRES

Sergio Buarque de Hollanda e Paulo Duarte

Bem, quanto ao Sérgio Buarque de Hollanda nem é preciso deixar claro que se trata de antigo amor. Sobre ele, no mais, pouco a falar: mais do que uma figura deslumbrante, um tipo que o título "Velhos mestres" define bem. Nesta matéria, penso, a gente consegue transmitir um mínimo dessa figura. De Paulo Duarte — que, para não variar, apareceu com sua gravata-borboleta — exigimos uma ida à casa de Sérgio (que anda com mania de perna quebrada), onde deu um depoimento que varia entre os momentos, digamos, irritadiços, e de contribuição para a informação do que ainda nos resta — que País! — de cultura. O grupo participante da entrevista — Moacir Amâncio, Maria José, Miguel Fontoura e Sérgio Gomes, afora o material que vocês vão ler (Por favor!) — saiu com a bela impressão de que, nas sombras, há um setor contra o qual nem mesmo o tempo pode impor o silêncio. A matéria é um presente aos leitores, dedicado aos estudantes paulistas. — TARSO DE CASTRO



Fotos de Jair Malavazzi

Sérgio Buarque e Paulo Duarte

Gomes — Em um depoimento que o senhor deu recentemente pro Jornal do Brasil, o sr. dizia que o brasileiro cordial não existia mais.

Sérgio — Aquele cabeçalho não é invenção minha, é de invenção deles lá. Eu não disse isso. Claro que um livro que eu escrevi há 40 anos, desculpe, eu estou me envelhecendo muito, mas eu hoje não posso concordar com tudo, não é? A gente que toma parte no processo político do Brasil, sempre foi uma coisa miudinha. Pra essa gente tudo se resolve como se fosse pelo conchavo, pelo acordo. Agora a gente está vendo: isso aí nunca foi diferente. Joaquim Nabuco dizia que em todas as revoluções, há pessoas sem os quais você pode fazer uma revolução e com as quais não se pode governar. O Brasil foi sempre assim. Então, houve uma mexida louca aí. Na regência, os exaltados fizeram o negócio e os moderados tomaram conta. Agora, os moderados começaram e os exaltados, depois, tomaram conta.

Gomes — E o mito do brasileiro cordial?

Moacir — Do homem bonzinho!

Sérgio — Eu nunca disse que achava o brasileiro bonzinho. Eu disse cordial, cordial assim: "de coração". Podia até detestar cordialmente. Isso não quer dizer que seja "cordiais saudações", hoje, eu não usaria essa expressão porque é ambígua e se presta a essas dúvidas. Hoje, usaria outra. Mas não vou renegar o que eu escrevi há 40 anos. Mas nunca disse que o brasileiro é bonzinho. O sujeito pode ser mauzinho e mausão também.

Gomes — E aqueles acontecimentos no Parque D. Pedro (dia 15/6), onde os estudantes e artistas foram violentamente reprimidos? O que isto revela?

Sérgio — Mostra que existe um homem cordial de vingança, *cordialmente vingativo. Eu não vi os acontecimentos do Parque D. Pedro. Estou sabendo agora o que houve, mas isso não desmente o que eu dizia há 40 anos — que no meio rural os laços são ainda afetivos. Não só no sentido de concórdia como de discórdia também.* Cordial *quer dizer uma ligação afetiva, negativa ou positiva. Não quer dizer, como foi entendido agora,* "cordiais saudações". *Isso eu nunca disse.*

Gomes — E o Paulo Duarte, que é um *cortante cordial*, como interpreta essas declarações?

Paulo — Eu sou muito cordial até.

Sérgio — Pro Paulo também dá briga, né? Às vezes ele espanta a caça, ele joga a pedra com tanta força que espanta a caça.

Paulo — Homem cordial sou mesmo. Eu só brigo provocado. Nunca briguei provocando.

Sérgio — Mas quando provocado, então quer dar desconto, não é?

Tarso — Vocês dois foram professores da USP. Qual a visão que vocês têm hoje da universidade? O que está acontecendo na universidade brasileira hoje? Na minha opinião, após 64, houve uma capação da universidade.

Sérgio — Mas a partir de 68.

Paulo — Vejo um processo de desagregação da universidade de São Paulo desde 64, porque houve um equívoco tremendo entre os estudantes e o governo militar. Antes de 64, o Jango mandava aqui os ministros dele fazer a demagogia janguista junto aos estudantes.

Sérgio — Olha que o Tarso é janguista!

Paulo — Um deles é o Jurema, chegou aqui e foi recebido pelo diretor da Faculdade de Direito, que era o Gama...

Sérgio — Gama e Silva.

Paulo — O Gama, o Gaminha.

Tarso — De triste memória.

Paulo — Foi recebido por ele e que abriu as portas do auditório da faculdade para que Jurema fizesse sua demagogia. Fez e conquistou até muito estudante nesse sentido. Nisso vem a tal "revolução", a chamada...

Sérgio — Redentora.

Paulo — Muito redentora, mais redentora do que Isabel. Vem a "revolução" e esses homens da universidade que recebiam Jango, passaram, imediatamente, a bajular a "revolução".

Tarso — Entre os quais o reitor.

Paulo — Vários professores da Universidade passaram a bajular a "revolução" e aderiram a ela. E a "revolução" acreditou neles. E, por insinuação do Gama, passaram a agredir os estudantes. Os estudantes ficaram perplexos porque eles foram trabalhados por esses mesmos professores para aplaudir o regime anterior. E agora? Eles não sabiam nem o que fazer porque o estudante é muito generoso, é muito corajoso mas é imaturo. É a tal folha branca na qual se pode escrever tudo, *como dizia Anchieta. Então, eles em vez de compreender e conversar com os estudantes, passaram a agredi-los.*

Sérgio — Eu acho que eles não são tão imaturos assim. Há outros que são mais imaturos que eles.

Paulo — O Gama chegou ao ponto de construir na Cidade Universitária um quartel especializado para agredir os estudantes. Bem atrás de Campos! A primeira vez que Gama e Silva precisou do quartel, foi quando os estudantes fizeram uma greve contra a má qualidade do restaurante do campus e ele chamou o comandante do quartel e disse que queria que desalojasse os es-

"Acho que para resolver os problemas da USP basta botar o Falcão de reitor..."

Sérgio Buarque

tudantes de qualquer maneira. O comandante se negou. Disse: "Eu não faço isso, porque estou aqui para restabelecer a ordem quando ela é interrompida e isso eu não faço". Saiu e foi embora. Então ele pediu ao Estado uma tropa de choque. A tropa de choque veio e massacrou os estudantes. E tomaram o fogão, que, por sinal, estava apagado.

Sérgio — Há uma anedota desse caso.

Paulo — Como é?

Sérgio — É um caso aí acerca de estudantes. Os sujeitos prendiam um bocado de gente assim: "Você vai preso! Você pode ir! Não. Você vai preso!". Aí um disse assim para uma moça: "E você, de onde é?"; Ela respondeu: "Sou cearense". Aí ele perguntou: "Qual o seu nome?". E ela: "Filizola". Foi o que bastou. "Ah não! Parece Brizola, Prende ela!" (risos).

Paulo — Pois é.

Tarso — Qual a sua visão, Sérgio, da Universidade de São Paulo hoje?

Sérgio — Em São Paulo está dizimada. Uma desagregação que já começou e que agora não pode parar.

Moacir — Veja o caso do pedido de demissão do Goldemberg por causa da prisão do filho.

Paulo — Por causa do filho.

Sérgio — Esse que prenderam na Aeronáutica. O filho é estudante do ITA e o Goldemberg é da USP.

Gomes — O filho foi condenado a dois anos e meio.

Paulo — Quando nós fomos expulsos da Universidade, em 69, o Sérgio não foi.

Sérgio — Mas no dia seguinte eu pedi demissão.

Paulo — Dá licença, deixa eu falar, pelo amor de Deus. No dia seguinte, ele pediu a sua aposentadoria em sinal de protesto pela nossa cassação.

Sérgio — Em protesto e solidariedade. Agora, eu não acho que foi heroísmo nenhum, pois eu tinha tempo garantido e me aposentei com meus vencimentos.

Paulo — É... eu também tinha vontade de me aposentar.

Sérgio — Eu, não. Eu tinha é von tade de criar uma turma lá, de assistentes e alunos meus, que continuam a vir à minha casa e ter esse contato. Esse contato com o pessoal eu senti falta no começo, uma certa falta disso eu sentia.

Paulo — De modo geral, a única coisa que presta na Universidade, ainda, são os estudantes. Porque os professores, os melhores, foram expulsos da universidade.

Sérgio — Foram quarenta.

Paulo — Outros foram intimidados e um grande número aderiu completamente à situação que está aí. Deixaram de ser professores, porque ser professor é outra coisa, é uma posição e uma profissão, aliás, de sacerdote, porque o professor verdadeiro tem que estar à disposição do estudante, dia e noite. E essa gente que está aí na Universidade, grande parte dela, tem por ideal uma Universidade sem aluno, porque aluno dá muito trabalho.

Moacir — O ensino de História, por exemplo, ficou completamente destrambelhado com isso.

Sérgio — Mais prejudicadas foram as Ciências Sociais e a Filosofia. Liquidaram com tudo.

Tarso — Como é que com essa ausência toda de informação a partir do momento em que são aposentados e expulsos os melhores professores, naturalmente pra capar a informação do aluno, como vocês explicariam que eles continuassem a reagir e demonstrem, agora, que estão a par de uma série de coisas?

Sérgio — Passaram por uma fase onde estiveram calados. Agora é que eles resolveram reagir.

Paulo — Está aí o que eu disse. De uma maneira geral, só o que presta na Universidade, hoje, são os estudantes, porque eles continuam reagindo. É verdade que não são todos. Mas os que reagem, reagem muito bem.

Gomes — Mas os professores estão reagindo muito bem. E o senhor insiste em que só há estudantes na USP?

Paulo — Há, evidentemente, mas é uma minoria muito grande. Há exceções formidáveis. Um deles é o Antonio Cândido e há outros como o próprio Goldemberg, que amoleceu um bocadinho mas que atualmente está muito bem. Ele estava muito bem, há algum tempo. Eu temo que a Universidade de São Paulo — e digo isso até com certo ressentimento profundo porque fui um dos colaboradores para formar a Universidade — penso que ela está perdida e irrecuperável. Se há alguma esperança de reabilitação da Universidade Brasileira, essa esperança está em Campinas.

Sérgio — Campinas está fazendo um grande trabalho.

Paulo — Está fazendo um grande trabalho e o reitor, com habilidade enorme, está vencendo todos os atritos.

Sérgio — Acho que para resolver os "problemas" da USP basta botar o Armando Falcão como reitor (risos)

Paulo — Como é que é?

Sergio — O Armando Falcão como Reitor.

Gomes — O que seria da USP com Armando Falcão como Reitor?

Paulo — Acho que seria uma indicação digna da Universidade atual. (risos).

Gomes — Os senhores falam sempre desse "pacote" que foi apresentado em 69. Quem eram esses homens?

Paulo — Um pacote de 40.

Sérgio — Alguns podemos lembrar: Tem o Florestan Fernandes e o Mário Schemberg, que eles acusaram de fazer proselitismo dentro da Universidade. E o Mário Schemberg era professor de Mecânica Celeste (risos)

Gomes — Recentemente, quem ganhou o Prêmio de Fellow do Instituto Internacional dos Arquitetos foi o Vilanova Artigas, um dos aposentados junto com vocês.

Sérgio — É, o Artigas.

Paulo — Um professor de primeira ordem.

Sérgio — Eu fiz uma defesa dele e do Caio Prado. O Artigas é o autor do prédio da FAU, aquele prédio bonito que eles têm lá.

Tarso — Quando se fala em USP irrecuperável, quer dizer nos tempos atuais, não é?

Sérgio — É evidente.

Paulo — Mas acontece o seguinte, ela está tão infiltrada pelos medíocres, pelos analfabetos...

Sérgio — Só mesmo quando Armando Falcão for Reitor (risos).

Paulo — Ela está toda infiltrada pelos medíocres e pelos analfabetos. Analfabetos de todas as categorias brasileiras, porque, antigamente, no Brasil havia apenas um analfabeto, era aquele que não sabia ler. Hoje, existe o analfabeto que aprendeu a ler e não entende o que lê, e existe o Mobral que é outro analfabeto. De modo que todos esses analfabetos estão infiltrados dentro da Universidade. E há ainda os rinocerontes, que são aqueles professores para os quais a Universidade ideal, como eu disse há pouco, é a universidade sem aluno, porque o aluno atrapalha muito o rinoceronte. Devido a essas infiltrações dentro da Universidade a Universidade está, por assim dizer, passando por um processo de septicemia. Eu não tenho dúvida nenhuma sobre isso. Aliás, não é só a Universidade de São Paulo. Toda a Universidade do Brasil está assim porque foi destruída devido a uma confusão que os governos têm feito no Brasil entre Progresso e Civilização. Eles acharam que com o progresso eles poderiam realizar um grande Brasil.

Tarso — Sem liberdade.

Paulo — Evidentemente, porque a liberdade também atrapalha. Eles fizeram o progresso e destruiram a Universidade. A Universidade é a estrutura das sociedades, de modo que a sociedade perdeu a sua estrutura porque perdeu a sua universidade. A industrialização do ensino veio, por assim dizer, decidir da destruição da Universidade, porque tendo desaparecido o ensino de Humanidades, o estudante, candidato à Universidade, tornou-se analfabeto e começou a entrar pra universidade e em massa, porque a facilidade era enorme e não precisava saber.

Sergio Buarque

Moacir — Em termos de condicionamento?

Paulo — É evidente. E veio trazer a crise universitária, a crise de quantidade de estudantes inúteis que entraram para as faculdades e a Universidade decaiu completamente com esse grande número de estudantes não preparados para serem universitários.

Sérgio — Mas eles andaram entrando na Universidade ou em faculdades isoladas e particulares?

Paulo — Também.

Sérgio — Também. Não havia tanto professor assim para tantos alunos.

Paulo — Na faculdade de Medicina da Universidade, um rapaz fez o exame vestibular e havia umas anotações que eles davam em lugar da prova escrita. E nessas anotações, apareceu uma palavra misteriosa — "sequisso" — e ninguém decifrava aquilo. Aí chamaram o estudante ele explicou: era sexo que ele queria dizer.

Sérgio — "Sequisso"?

Paulo — Pois é, dentro da Universidade de São Paulo.

Sérgio — Mas era sexo e ele escreveu "sequisso"?

Paulo — É. E não pôs nem o acentó. Ainda se ele pusesse o acento! (risos).

Gomes — Dizia-se em 68, quando das movimentações contra os planos MEC-USAID, que queriam fazer da Universidade nada mais do que cursinhos de mão-de-obra especializada para as grandes indústrias que eram todas estrangeiras e tal. De lá pra cá, multiplicou-se por dez o número de vagas no meio universitário. No entanto, esse crescimento foi em cima da criação de escolas particulares — na área de humanas — sem o aparecimento de mais universidades.

Paulo — Mas as Ciências Sociais, dentro da Faculdade de Filosofia, foram mutiladas de uma maneira absolutamente irremediável, porque acabaram com a Sociologia.

Sérgio — Sociologia é socialismo. (risos)

Paulo — Comunismo. (risos)

Gomes — Não haveria aí uma contradição entre os interesses da burguesia como classe e o interesse do burguês concreto, que passou a ser o dono da Faculdade?

Paulo — Houve esse choque sem dúvida nenhuma. Eles não conseguiram os técnicos que eles queriam fazer porque não tinham professores.

Sérgio — Um professor não fica pronto em um dia.

Paulo — Havia, entretanto, o interesse do desenvolvimento: quanto mais industrializava o ensino, mais dinheiro caía com o pagamento das taxas, e por aí afora. Eu não sei o que será deste país dentro de cinco ou dez anos: tiraram os melhores e puseram os afilhados.

Tarso — Eu quero um quadro geral da cultura.

Sérgio — Eu acho que o desastre é irremediável, a única coisa é botar o Armando Falcão como reitor.

Tarso — É a única solução?

Sérgio — Proibir que se importasse livros, essas coisas assim, essa bobagem.

Moacir — Além da censura que está aí.

"Eu quero morrer antes que o Brasil acabe"

Sérgio Buarque

Tarso — E um processo de reconstrução, contaria com os srs. dois?

Sergio — Bom, mas aí eu já não sei se terei mais idade pra isso.

Maria José — Bom, mas vocês estão aí.

Tarso — Como é que não?

Sérgio — Eu não tenho mais idade, isso é fácil, juntar gente aí da idade dele, não é?

Gomes — Mas veja, não está se definindo um desenho de futuro aqui?

Sergio — O desenho de futuro para quando eu já estiver morto, não é?

Paulo — Está definido, como é que não?

Sergio — Desenho de futuro quando eu já não existir.

Paulo — Dentro de 10 anos este país é um país de analfabetos, né? Hoje, ele é quase país de analfabetos, não? Porque na realidade é o seguinte: é nesse grupo de analfabetos, dessa categoria de homens que aprenderam a ler mas não entendem o que lê, é que atualmente se tiram os deputados, os senadores, o presidente da República. Você olha a cara dele, do Falcão, aquela cara cavalar. É uma cara cavalar a do Falcão, né? Mas não é o único cavalar que existe. Há cavalares aí por toda parte, não é?

Sérgio — Deviam botar o José Bonifácio.

Tarso — Pra ensinar História. O José Bonifácio podia ensinar história.

Sérgio — História, não é? Pois é.

Tarso — A história dos Andrades.

Sérgio — Esse é dos Andrades, né, a geração de Barbacena já é Andrade, né? Porque Antônio Carlos ainda era Andrada.

Paulo — Basta ver aí o caso dessa coisa, como é que chama? das mordomias, né? que não aconteceu nada e foram cassar esse coitadinho do Leonel Júlio, por causa de 76 mil cruzeiros.

Tarso — Sutians e calcinhas, não é?

Paulo — As calcinhas foram compradas por ele, aí é que está a história, as calcinhas foram compradas por ele para o grupo feminino de basquetebol de lá da cidadezinha dele, né? E aquele Chedik ou coisa que o valha, precisou de justificar uma determinada despesa que coincidia com o preço das calcinhas, ele pôs as calcinhas aí. Ingenuamente.

Sérgio — Também você vê o Tito

Paulo — O Tito foi outro.

Sérgio — Coitado do Tito. Agora vem mais ainda, você acha que vem mais depois disso do Tito?

Sérgio — Quércia.

Tarso — Esse é um idiota

Sérgio — Hem?

Tarso — Esse é um idiota.

Paulo — Exatamente o que eu disse, é o analfabeto feito deputado.

Tarso — Agora me diga uma coisa, já que a gente está fazendo essa análise, o pior, me parece, nessas alturas dos acontecimentos é que, na minha opinião, eles cassaram o melhor e deixaram o pior. Hoje, hoje se tivesse que trocar um sistema, a liderança militar pela civil, será que valia a pena essa gente que está aí? Porque é um Falcão, essa gente.

Paulo — Ué, mas além de Falcão existem os outros.

Tarso — Agora me diz uma coisa, falaram em censura. Vocês tem uma experiência longa de censura de Estado novo, de tudo isso, qual é a pior censura de todas as épocas do Brasil, é a de agora ou do Estado Novo?

Sérgio — É a de agora.

Paulo — Não é não. Não é não.

Sérgio — É

Paulo — Eu sou um jornalista militante até hoje, né? Não é. O Estado Novo foi muito pior. O Filinto Mueller foi muito pior.

Sérgio — No Estado Novo havia "habeas corpus", havia "habeas-corpus".

Tarso — É, havia o "habeas-corpus".

Sérgio — Havia o "habeas-corpus".

Paulo — Havia o "habeas-corpus", mas, escuta aqui, e a corrupção dos juízes, que não concediam o "habeas-corpus"?

Tarso — Ele não está dizendo que a corrupção não existe hoje em dia.

Sérgio — A corrupção hoje está pior do que tudo, mas não se pode falar nela.

Paulo — O Rui lutou durante quatro ou cinco anos contra o Pinheiro Machado e o Hermes da Fonseca, não conseguiu um "habeas-corpus" para aquelas coisas da Bahia, do Amazonas, etc, etc, não conseguiu no Supremo Tribunal Federal. E sabe quem defendia o governo contra os "habeas corpus" requeridos pelo Rui Barbosa? Era o Epitácio Pessoa, que era ministro do Supremo Tribunal.

Tarso — Agora, de qualquer maneira, você acha que hoje a censura é menor?

Paulo — A censura hoje é mais branda do que antigamente.

Tarso — Você acha isso também, Sérgio?

Sérgio — Só há uma coisa, o Estado Novo durou oito anos e esse já está há treze, não é?

Paulo — Como?

Sérgio — O Estado Novo durou oito anos e esse já está há treze anos.

Paulo — Pois é, eu sei que está.

Sérgio — É porque ele é mais brando que demora mais?

Paulo — Eu não sei a causa. Não, é porque eles são mais armados, mais organizados no armamento, não é?

Tarso — Mas a gente tem que admitir uma coisa, quer dizer, o final do Estado Novo independeu das coisas internas, dependeu do movimento do mundo inteiro, que estava querendo a liberdade.

Paulo — Mas não houve jamais um chefe de polícia igual a Filinto Mueller, porque ele tinha assassinos ao lado dele, matavam, atiravam até pela janela dos jornais.

Tarso — Agora eu quero discutir um pouco o negócio em São Paulo, porque acontece um negócio engraçado. O mesmo órgão que é o "Estado de São Paulo", que foi confiscado pela ditadura, foi um dos promotores do golpe de 64 e hoje combate os estudantes e explica a ação da censura. E ao mesmo tempo ele consegue reunir uma série de intelectuais que o apóiam, como é que é esse fenômeno?

Paulo — Uma série de que?

Tarso — Intelectuais que o apóiam, apóiam o Estado de São Paulo.

Paulo — Intelectuais de direita, não é? Porque intelectuais de esquerda não apóiam o Estado de São Paulo hoje em dia. Sou do "O Estado", eu trabalho no "Estado" há 57 anos. Eu sou do "Estado de São Paulo" e não sou persona non grata lá não. Sou persona non grata de alguns redatores, mas da direção não. E principalmente da família Mesquita, que tem uma influência enorme dentro do "O Estado de São Paulo", eu sou queridíssimo. Eles são os melhores leitores que eu tenho e quando eu falo mal até de gente ligada ao "O Estado" eles gostam terrivelmente. Pois bem, foi o seguinte, quando veio o governo do Jango, isso trouxe o pânico ao Julinho, que era o cabeça do "O Estado de São Paulo". Era um homem muito inteligente e um homem muito correto.

Sérgio — Mas era menos avançado que o velho Júlio Mesquita.

Paulo — Ah, mas muito menos. Mas eu não estou comparando, eu não estou comparando.

Sérgio — O primeiro Júlio de Mesquita; e vai piorando de geração a geração, não é?

Paulo — Mas eu não estou comparando o Julinho com o Júlio Mesquita, como eu não comparo os meninos atuais com o Julinho. O Julinho era muito superior a eles, mas o Julinho ficou em pânico nos últimos tempos do Jango. Ele não dormia mais pensando no comunismo que o Jango ia implantar. Eu uma vez tive com ele um diálogo e disse: "ô, Julinho, você é um homem inteligente, você sabe que o Jango não é comunista, o que acontece com o Jango é o seguinte: ele é..."

Sérgio — Cuidado que o Tarso é janguista.

Paulo — Não tem importância, uai, tem censura aqui? O caso é o seguinte: o Jango era discípulo do Getúlio e o Jango viu o exemplo do Getúlio, que se aliou aos integralistas, deu o golpe de Estado e botou os integralistas na cadeia. E pensou em aliar-se aos comunistas, dar um golpe de Estado e botar os comunistas na cadeia, esta era a tática do Jango, né? Mas o Julinho não viu isto, né? E pensou que o Jango era comunista, de modo que ele ficou tão anticomunista que ele defendia até as maiores aberrações que os Estados Unidos praticavam naquele instante contra o Brasil. E na conspiração quem representava o jornal o "Estado de São Paulo" era o Fausto Figueiredo de Melo e eu que representávamos. Eu vim para cá e disse ao Julinho, eu não continuo mais porque quem está mandando nesta conspiração é o Pena Boto e é o Padilha e eles são cabeças, né? São chefes, chefes integralistas.

Sérgio — Mas eles eram nazistas, né?

Tarso — Nazistas.

Paulo — Quem?

Sérgio — O Padilha.

Tarso — O Padilha, o Raimundo era nazista.

Paulo — Mas o Julinho não acreditou e continuou no pânico e o pânico ele transmitiu aos filhos, que são muito inferiores a ele, né? São rapazes inteligentes, educados e coisa e tal, mas são inferiores ao Julinho. O Rui é fascista, é um dos diretores do "O Estado" hoje em dia.

Sérgio — Como foi aquele negócio do Rui, aquele caso daquele rapaz iugoslavo que foi morto aí?

Paulo — Ah, o Herzog.

Sérgio — Ele foi lá e tomou as dores dele, né?

Paulo — Foi, foi. É, porque eles são liberais. Mas o Rui é absolutamente de extrema esquerda...

Sérgio — De extrema direita.

Paulo — Extrema direita. Ele diz o seguinte, há homens poderosos, homens ricos e homens miseráveis. A obrigação dos poderosos é dar acolhida e assistência aos miseráveis, né, de modo que nós temos a nossa missão, que é tratar deles. Agora, evidentemente, nós não podemos dar a eles determinadas coisas, nós que dirigimos a sociedade, dar determinadas coisas como postos e coisa e tal. Isso é de uma conferência que o Rui fez aqui em São Paulo.

Sérgio — Mas como é que você explica?

Paulo — É o entusiasmo

Sérgio — Vá lá, pois é.

Paulo — É o entusiasmo.

Sérgio — Mas não sei se essa crise que está havendo no "O Estado" também ajuda essa coisa contraditória.

Paulo — Ajuda o quê?

Sérgio — Essa crise que está havendo hoje no "O Estado" ajuda essa situação contraditória do sujeito, fazem isso, fazem aquilo, fazem ou coisa assim.

Paulo — Mas ajuda em que sentido?

Sérgio — Ajuda a tomar atitudes contraditórias, ora liberais, ora isso, ora de sentido fascista.

Paulo — É, mas eles são liberais oficialmente. O Júlio Neto é liberal realmente, né? E o outro se diz liberal, mas na realidade...

Sérgio — É liberal duro.

Paulo — Não, ele não é burro não.

Sérgio — Duro. Liberal duro.

Paulo — Duro. É.

Os amigos, prazeres

Tarso — Eu quero saber sua melhor experiência culinária fora do Brasil e a pior também.

Sérgio — A pior do Brasil é a Bahia. O baiano inclusive come vatapá frio.

Paulo — Vatapá quente.

Sérgio — Não. Ele come frio.

Paulo — Não. O quente é a pimenta.

Sérgio — Quente por causa da pimenta, mas é frio. Quente pro estrangeiro. Prá nós é frio. Eles comem aquilo frio.

Tarso — Eu também acho um horror. Aliás, eu sempre digo o seguinte: que o Glauber é o culpado de tudo, porque ele espalhou que baiano é inteligente, que a Bahia é simpática e todo mundo acreditou.

Sérgio — Baiano inteligente — isso é minha opinião porque sou pai de músico — ainda é o Caymi. Como

SBH
Vp-209 P4

"Proibir que se importem livros, essas coisas assim, isso é uma bobagem"

Sérgio Buarque

dizia um amigo meu, "quanto mais eu ouço os baianos mais eu gosto de Caymi". (risos)

Tarso — Mas conta aí, Paulo, esse negócio de culinária aí, você que é um especialista.

Paulo — Bom, foi com a culinária que eu conquistei Paris.

Tarso — É de uma modéstia impressionante!!! (Risos).

Paulo — Agora, prá não pensarem que eu sou modesto mesmo, eu vou contar como. Foi o seguinte, eu estava sendo expulso do Brasil a bordo do "Siqueira Campos". Quando batemos na Bahia, eu pedi a um dos guardas que tomavam conta de nós, se ele podia — já era novembro e portanto o inverno já começava na Europa — se ele podia me comprar uma garrafa de pinga prá mim. Prá eu levar. Eu estava com muito pouco dinheiro. Dei dez tostões e ele me trouxe dois litros de pinga, portanto, devia ser pinga popular, uma pinga coisa. Eu guardei aquilo na minha mala. Chegamos em Portugal, já o frio estava muito duro, e o Pereira Lima me pediu uma garrafa daquelas, porque ele estava com muito frio, também. Eu abri a garrafa e pedi um cálice no hotel. Ele saía do banho, e vinha para o meu quarto que não tinha aquecimento: enchia aquele calicezinho e tomava uma talagada. Aquilo acabou a primeira garrafa. E eu escondi a segunda dizendo que não tinha mais e mandei comprar gasolina prá poder limpar o único terno que eu tinha prá levar prá Paris.

Sérgio — Exato. Em 32, né?

Paulo — Pois é. Então pedi prá me comprar um pouco de gasolina. Comprou e pôs em cima da minha mesa. No dia seguinte, o Pereira Lima saiu do banho, encheu o cálice de gasolina e jogou na guela, e ao mesmo tempo, ele pôs prá fora e ficou cinco dias no Hospital, por causa disso.

Sérgio — Tomou gasolina?

Paulo — Heim?

Sérgio — Tomou gasolina?

Paulo — Gasolina. Ele não chegou a tomar, evidentemente, mas caiu na boca e saiu.

Tarso — Provou né?

Paulo — É, provou. Bom, mas eu levei a outra garrafa prá mim, prá Paris. E lá nós estávamos numa vida muito ruim — eu e minha mulher — e um dia eu estava com 100, 120 ou 130 francos no bolso e estava devendo quase 400 francos. Então eu li no jornal que o Clube dos Gastrônomos dava o Primeiro almoço Vinícola de Inverno. Era dezembro. O almoço custava, para os que não fossem membros do clube, 100 francos por pessoa.

Sérgio — Quanto?

Paulo — 100 francos por pessoa.

Sérgio — Você tinha quanto?

Paulo — Eu tinha duzentos e poucos. Aí eu disse prá Joanita: "Olha aqui! Isso não dá prá pagar o hotel mesmo. Então vamos comer bem!".

Sérgio — Estava devendo, não é?

Tarso — Miséria pouca é besteira.

Paulo — Então fui ao Rampoleaux que era o restaurante oficial do Clube dos Gastrônomos e disse o que eu queria. Eles disseram: "ah! mas o caso é que nós não temos mais lugares, vendemos tudo". Eu disse: "oh! mas é uma pena, porque eu sou jornalista e tinha vontade de assistir aqui um almoço dos gastrônomos". Aí ele disse: "ah! o senhor é jornalista? Que nacionalidade o senhor tem?" Eu percebi então que eu podia ganhar do homem aquele favor e disse: "eu sou americano". Eu não menti, evidentemente, eu era brasileiro. (risos). Ele disse: "Ah! Bom, eu vou arranjar dois lugares, mas não são bons". E arranjou dois lugares lá no fundo, na terceira classe do restaurante Rampoleaux. Tá bom. Eu fui no dia seguinte com a minha mulher e sentamos à mesa quando chegou o presidente do Conselho, que era...

Sérgio — Conselho dos Gastrônomos?

Paulo — Não. Presidente do Conselho da França. Ele era muito conhecido. O nome dele termina em ô. Não lembro agora mas isso não tem importância. Mas ao lado dele sentou Kurnonski, que era o Príncipe dos Gastrônomos.

Sérgio — Kurnovski?

Paulo — Kurnovski! (risos). O nome foi inventado por ele. Quis fazer um nome russo e aí fez um nome assim. E morreu com ele. Era a Madame Kurnonski. (risos).

Sérgio — Devia ser Kurnonskova, no feminino (risos).

Paulo — Aí seria Kornuskaya! Mas o Kurnonski sentou-se — estava o chefe dos ministros — e começamos o almoço. O almoço era o seguinte: veio primeiro prato, cozinha da Borgonha, depois veio o vinho especial da Borgonha. Depois começava a discussão. E davam a palavra a um sujeito que entendia de cozinha e ele criticava o prato, e um outro criticava o vinho que tinha sido bebido. Saía a discussão e como não conseguiam entrar num acordo, então chamavam um cozinheiro para dar a opinião dele e ele era o árbitro. Aí vinha um segundo prato. E o almoço durou até 4 ou 5 horas da tarde. As 5 estava já na hora do conhaque, veio o conhaque e veio também o "Mar da Borgonha", que é a grapa da Borgonha, uma coisa deliciosa. E eu, conversando com um major do meu lado, major do Exército francês, nesse tempo o Exército francês era muito respeitado... (risos) e hoje não é só o Exército francês que é mal respeitado. Então, eu disse pra ele: olha, nós temos lá no Brasil uma espécie de aguardente também. Ele disse: "como aguardente?" É aguardente de cana, expliquei — e ele: "ah, eu sei, é o run". Não, não é o run não, é muito diferente e tal, eu expliquei a diferença que havia entre aguardente de cana e o run. Aí ele levantou e foi conversar com o Kornonski e o Kornonski levantou-se e veio e disse: "escuta aqui, que negócio, vocês tem lá uma aguardente de cana e que não é o run?" Aí eu expliquei, e ele disse, "não tem um jeito de obter isto aqui?" Eu respondi: tem, eu tenho um pouco, um litro disso. Ele: "o senhor não quer buscar?" Eu disse quero, espera um bocadinho aí. Falou então com o primeiro-ministro (risos). Aí voltou: "olha, o sr. ministro cede o automóvel dele pro senhor ir buscar esse mar bresilien". Eu fui. Eu estava já fugindo da dona do hotel onde eu morava, por causa da conta que eu tinha lá. E quando cheguei, naquele automóvel — tinha dois "chauffers" no automóvel um automóvel imenso — juntou gente. Automóvel do primeiro-ministro, e quando madame Recordon me viu ela mudou completamente, começou a me agradar, eu subi lá em cima, peguei a minha garrafa de pinga, entrei no automóvel outra vez, fazia um frio tremendo. Já era inverno, eu tinha já bebido muito no almoço e com aquele frio e aquele vento fiquei pior ainda. Quando cheguei no Rampoleaux minha mulher tinha sumido. Olhei, ela não estava no lugar. Aí eu ouvi, "aqui, aqui". Olhei, ela estava à direita do primeiro-ministro. Levaram ela prá lá, me chamaram prá lá também. Fui, mandaram distribuir a pinga, começaram a beber e deram a palavra a Monsieur Henry Jolie, que era diretor da Escola de Belas Artes, um especialista em aguardente. Ele fez ali uma conferência espiritualística (risos). Então me disse: "olha! Isto é raiz de uma grande bebida. Agora vocês precisam, no Brasil, trabalhar um pouco pra diminuir o perfume e aumentar o paladar (risos).

Sérgio — O Coty era ministro naquele tempo?

Paulo — Não, o Coty era o perfumista.

Sérgio — Heim, mas não foi ministro?

Paulo — Mas muito tempo depois.

Sérgio — Depois eu conto uma história do Coty, duas histórias do Coty.

Miguel — Eu estou curioso pra ver qual é a explicação da diferença que foi dada entre o run e a pinga.

Sérgio — O run é feito do melado e a cachaça é feita do caldo da cana.

Paulo — Não. A cachaça é destilada.

Sérgio — Destilada os dois são destilados.

Paulo — Não. O run é destilado depois.

Sérgio — Destilado depois, pois é, o outro também é depois.

Paulo — Pois é. Então aquele ambiente estava muito agradável ali e coisa e tal. Foi dada a palavra ao Henry Jolie prá me saudar e ele terminou levantando um brinde "a San Paolô du Brésil, dans la persone de Monsieur Duarte". Eu me levantei naquele estado e fiz um brinde à Borgonha. Saímos todos camaradas. O Henry Jolie disse: "Olha aqui,vamos lá para minha casa, que nós vamos jantar". Eu não queria jantar, né? Já estava cheio de comida e de bebida. Mas saímos e fomos pra casa de Henry Jolie. Chegamos lá e começamos a conversar, conversar muito agradável e coisa, todo o mundo estava alegre. De repente o Henry Jolie parou um bocadinho e disse assim pra mim: "Espera um pouco, me diga uma coisa, quem é você"? Aí eu disse: sou um exilado do Brasil. Ele: "Um exilado do Brasil?" E contei a minha história. Ele pergunta: "Mas de que você está vivendo aqui?" Eu disse: ah, meu velho, se perguntar pra mim, eu não sei. (risos). Aí ele disse: "Você quer trabalhar aqui?" Quero, evidentemente. Porque ele era diretor da Escola de Belas Artes. "Então, você amanhã vem tomar um chá comigo na minha casa, que eu vou trazer um grande amigo meu, o diretor de uma grande revista daqui". Era uma revista formidável chamada Vue, quase só de fotografias, e tinha alguns artigos e coisa e tal. No dia seguinte eu acordei, pelo menos um pouco mareado porque tinha bebido muito, e disse a Joanita: olha, hoje é capaz da gente arranjar qualquer coisa, porque eu fui convidado por Henry Jolie. Minha mulher é muito pessimista, virou e disse assim: "Você não se lembra das luzes da Cidade, do Chaplin, lançado naquela ocasião em que o milionário só conhecia o amigo quando estava bêbado? Ora, o Jolie estava bêbado ontem quando ofereceu aquilo prá você, você vai ver que será uma decepção". Foi água fria. Mas, às 4 horas mais ou menos, o Jolie telefonou pro hotel e disse: "Olha aqui, eu ontem não estava muito bom, mas o meu convite está de pé, esperamos por você aqui. Então, fui pra lá com ela. O Jolie me apresentou a Monsieur Vorgel, o diretor da revista, e este marcou um encontro comigo. Fui ao encontro daí a dois dias, e lá, então, me fez uma proposta para eu arranjar assinantes no Brasil além de colaborar na revista. Pela colaboração ele me

Na memória dos mestres: Oswaldo (e não Oswald) de Andrade, Mário de Andrade, Filinto Muller ("não houve nenhum chefe de polícia como ele"). Augusto Mayer, Érico Verissimo.

"Eu não sei o que será deste país dentro de cinco ou dez anos..."

Paulo Duarte

Paulo Duarte

pagava 150 francos, o que já era muito prá mim, e para cada assinatura ele me dava 30 por cento. Escrevi para os meus amigos, o Bergamini, no Rio de Janeiro, o Nino Gallo, em São Paulo, e pro Nelson Guedes, para que arranjassem aqui assinaturas do "Vue". Arranjaram aqui uma quantidade enorme de assinaturas, entre amigos meus e coisa, e eu de repente fui chamado lá no "Vue" para receber a minha comissão que era de 22 mil francos. Eu estava devendo 800 francos e não podia pagar, né? Imagina você o que representava aquilo prá mim. Então comecei a trabalhar em Paris.

Sérgio — Graças à cachaça (risos).

Paulo — Graças à cachaça, com a qual eu abri a porta de Paris, não é? Daí a pouco tempo eu ia pro Museu do Homem e contava, aí começou a minha carreira na França, graças à pinta... (risos).

Sérgio — Mas, olha aqui, você contou uma experiência pessoal, tenho muita experiência pessoal, mas essa eu quero contar, a propósito da cachaça. Isso eu vi, foi escrito, deve ser verdade, não é? Havia um ministro do Brasil no reino da Prússia, no século passado, chamava-se Joaquim Maria do Amaral, e um dia numa reunião lá, estava o Bismarck que perguntou: "Qual a bebida que tem no Brasil? O que é que se bebe no Brasil?" Bebe-se cerveja, vinho, conhaque, naquele tempo tinha o uísque, mas não estava espalhado ainda. Disse o ministro: "Bom, mas tudo isso é bebida internacional, e a bebida própria do Brasil?" Não tem. E ele: "Não é possível que não tenha". O Joaquim: "Bom, tem uma bebida que só os escravos é que tomam, os negros é que tomam. "Ah, mas, quem sabe se é boa?".

Tarso — Quàlquer brasileiro tomava.

Sérgio — Então, ele dizia, "eu gostaria de tomar isso". E o Joaquim Maria do Amaral encomendou aqui a cachaça. Naturalmente, como era pro Bismarck, fizeram uma especialidade, uma cachaça muito boa e levaram prá lá. Na primeira reunião diplomática, estavam todos aí chegou o Bismarck dizendo assim direto ao Joaquim: "Olha aqui! se os pretos bebem aquilo, por que é que os brancos não bebem?" (risos) Agora, isso é histórico.

Paulo — Agora, sobre o Brasil e que é histórico também, há um fato com o Miguel Osório de Almeida. Continua, Sérgio.

Sérgio — Não. acabei.

Paulo — Então eu vou contar a história do Miguel Osório. Vocês conheceram o Miguel Osório de Almeida? Era um dos homens mais educados, era de Manguinhos e muito querido na Europa. Ele estava num banquete e uma senhora muito bonita, em frente a ele, que era uma embaixatriz começou a conversar com o Miguel.

Sérgio — Ele tinha uma barba ruiva, né?

Paulo — É, ele tinha uma barba muito bem tratada. Então a senhora perguntou: "Você de onde é?" Ele disse: eu sou do Brasil. E ela: "Do Brasil?" Ele disse: É. Ela disse: "Estranho isso". Ele disse: Por que? Ela disse: "Vocês não andam vestidos, no Rio de Janeiro?" Aí o Miguel Osório disse: "Não, não, nós andamos nús, eu só me vesti para poder vir prá cá (risos). Aí depois ela disse: "Mas como é que vocês se arranjam nús, no meio da rua, em face das serpentes que existem nas ruas do Rio de Janeiro?"Ele disse: "Ah! é o seguinte: é que nós usamos uma bota especial, de modo que nós somos nus e de botas. E assim que nós andamos lá. E ela muito admirada daquilo: "Mas escuta! e você vai voltar?" Ele disse: "Vou. "E o que é que você faz?". Ele disse: "Eu chegando lá, já a bordo eu tiro a roupa, prá poder descer senão eu sou vaiado lá no meu País. Ela: "Me diz uma coisa, e os antropófagos? "Ah! minha senhora — aí ele então se sentiu brasileiro, o brio brasileiro acordou e ele disse, "não minha senhora, no Brasil não há mais antropófagos, há muitos anos, há muito tempo não há mais antropófagos no Brasil. Ela disse: "Como não há antropófagos?" Ele disse: "Não senhora, eu posso lhe garantir. Ela: "Como é que o senhor pode garantir uma coisa dessas?" "Eu posso garantir pelo seguinte, porque o último antropófago que havia lá, nós comemos no dia que eu vim prá Paris! (risos).

Sérgio — Como é? Mas o negócio é o seguinte, eu ia dizer qualquer coisa mas me esqueci.

Paulo — Ah, está aí uma coisa que você não esquece que é de falar.

Sérgio — Ah. eu esqueço e você também fala. Nós dois falamos.

Tarso — Olha aqui uma coisa que eu queria perguntar, eu pergunto pró Sérgio e pergunto pros dois. É o seguinte: nós temos um querido amigo em comum que é Érico Veríssimo. No dia em que Érico esteve no médico, ele falou com você, não Paulo?

Paulo — É.

Tarso — Pois é, foi no dia justamente em que ele morreu. Eu queria que você, é um negócio estranhíssimo, ele falou no telefone com o Paulo. Mas eu queria saber o seguinte: eu adoro o Érico, eu queria que você falasse um pouco dele, o negócio desse telefonema, como é que foi, essa coisa, essa relação de vocês, por que você falava muito com ele, todo o dia, né?

Paulo — Falava, quase todos os dias. Falava todo dia não, duas vezes por semana eu falava com o Érico, ou com ele ou com a Mafalda, quando ele não estava. Nós éramos amigos íntimos há muitos anos. Há muitos anos. Todos os anos eu ia duas ou três vezes ao Rio Grande só prá ver o Érico, depois que ele não viajava mais. Porque antes ele vinha a São Paulo, também, e ficava hospedado na minha casa, nós éramos amigos muito íntimos.

Tarso — O que você falou com ele, quer dizer, falaram sobre alguma coisa especial?

Paulo — Não. Não, ele estava se sentindo até bem satisfeito. Estava se sentindo muito bem. Eu falei com ele na véspera. Agora, quem falou com ele no dia em que ele morreu foi o Jorge Andrade.

Tarso — Ah! o Jorge! é verdade.

Paulo — É, o Jorge Andrade falou no dia em que ele morreu. Morreu na televisão, olhando a televisão.

Tarso — Não, ele passou mal e foi pro quarto.

Paulo — É, mas ele teve a crise na televisão.

Sérgio — Uma grande figura, o Érico.

Paulo — Ah! era excepcional. E depois do conteúdo humano dele é que era uma coisa extraordinária.

Tarso — Tentei levar o Chico lá, um dia o Chico ficou com vergonha, e disse: "não, eu tenho vergonha", aí eu falei prá ele "larga de ser idiota", daí Erico falou : "Onde está esse canalha??" Agora me diga uma coisa Sérgio, deixa eu te falar uma coisa. Você é um humorista, porque eu adorei a sua apresentação do livro da Iolanda Pentado, eu quero saber a história dessa apresentação.

Sérgio — Ah, eu posso falar, sou muito amigo da Iolanda, de vez em quando eu ia à fazenda dela.

Tarso — Ah, eu sei aliás, de um Congresso que você foi, queria saber dessa história, um Congresso que você levou centenas de pessoas.

Sérgio — Levei 36 pessoas à casa dela. Ainda agora a Iolanda telefonou ontem prá cá. O Paulo não gosta muito da Iolanda. Não.

Paulo — Não. Eu não era o tipo dela.

Sérgio — Agora um negócio: eu fui numa casa e tem uma porção de gente querendo fazer memórias pra eu fazer o prefácio. Eu digo não podem, o caso da Iolanda é um amor assim à primeira vista. Fazer assim toda hora eu não posso fazer não.

Tarso — Essa visita à casa de D. Iolanda foi num congresso do IEB, não?

Sérgio — É, esse Instituto que eu fundei na universidade, de Estudos Brasileiros, ainda existe mas querem acabar.

Paulo — Querem acabar com o IEB?

Sérgio — Estão querendo acabar. Não sei como vai ser, a biblioteca do Mário de Andrade está lá, do Guimarães Rosa, está lá, a brasiliana do Ian, está tudo lá e estão querendo acabar com o Instituto.

Tarso — Mas sob que alegação!

Sérgio — Porque acham que não está dentro do estatuto tudo direitinho, não sei o quê.

Paulo — Como querem acabar com o Instituto de Pré-História.

Sérgio — O seu Instituto, pois, é. Então.

Paulo — Agora isso é pelo seguinte: o Instituto de Pré-História querem acabar por causa dos fósseis, eles têm medo de serem levados pra lá (risos).

Tarso — O que é que está acontecendo com a memória nacional. Nunca houve?

Miguel — Está se dizendo muito que não existe memória nacional no Brasil. Eu não acredito muito nisto, talvez não exista muita história no Brasil. Está se dizendo que pelo fato de não existir memória nacional não existe memória de povo. Esse problema de memória nacional, não é verdade que não exista. Ela existe no nível em que Paulo Duarte, Sérgio Buarque de Hollanda, pra citar os presentes, são pessoas muito vivas neste país.

Paulo — É, não morreram ainda (risos). A minha opinião é a seguinte: O Brasil teve meningite em pequeno, de modo que virou esse sujeito grandão e cretino. E não tem memória, evidentemente.

Sérgio — Eu quero morrer antes que o Brasil acabe.

Miguel — Mas é verdade que não existe, realmente, uma memória nacional?

Paulo — Existir existe. Existem arquivos. As vezes eles não estão nem aqui.

Sérgio — Os daqui estão estragados.

Paulo — Os arquivos estão estragados, mas em Portugal, Espanha, Estados Unidos, existe, por assim dizer, um grande arquivo brasileiro. E há uma publicação riquíssima, atualmente, nos Estados Unidos, sobre o Brasil. Agora, essa memória é nacional ou norte-americana?

Miguel — Eu devo e quero discordar disso, quer dizer, eu acho que existe uma memória nacional. O exemplo está aqui, essa entrevista com duas pessoas muito importantes e que a rigor não são conhecidas, vamos dizer, contemporâneas da geração das pessoas que estão aqui entrevistando: Paulo Duarte e Sérgio Buarque de Hollanda. Essas pessoas existem e são lembradas.

Moacir — O que eu quero dizer sobre a memória nacional é que se trata de um problema de níveis elásticos: Guimarães Rosa é lido em determinados níveis. Mário de Andrade é lido em determinados níveis.

Paulo — E outra coisa, muitas vezes não é lido e dizem que é.

Moacir — Quero dar um exemplo de uma coisa bem popular, daqui e agora: fizeram uma enquete no Teatro do Sesi onde está a peça do Plínio Marcos e o pessoal não sabia quem era Noel Rosa.

Paulo — Eles não sabiam quem era o Noel Rosa, e o canto popular é queridíssimo. Imagina então Machado de Assis e outros, não é? Mas isso não é falta de Memória Nacional. Isso é falta de cultura.

Tarso — Mudando de assunto, como é esse início da história do Mário de Andrade com o Oswaldo de Andrade? Ele se apaixonou pela Tarsila?

Paulo — Quando Oswaldo e Tarsila se casaram, Mário foi visitá-los e foi ab-

SBH
VP 209 P4

"De modo geral, a única coisa que presta na Universidade são os estudantes".

Paulo Duarte

solutamente normal naquilo. Mas protegendo a Tarsila. Quando o Oswaldo começou a judiar da Tarsila e a abandonou, o Mário teve ódio de Oswaldo e nunca mais fez as pazes com o Oswaldo. E olha que ele fazia as pazes com todo mundo.

Sérgio — O Oswaldo queria fazer as pazes.

Paulo — Tentou várias vezes.

Sérgio — Uma ocasião, o Oswaldo e a mulher dele estavam numa fazenda — o Oswaldo estava lendo o "O Estado de S. Paulo" — quando, de repente, caiu no choro, um choro convulso.

Paulo — Por que?

Sérgio — Aí ele mostrou o jornal e estava lá: "Morreu Mário de Andrade".

Paulo — Ah! pois é. Eu acredito nisso.

Sérgio — Ele chorava assim como criança.

Tarso — Você estava lá com ele?

Sérgio — Não. Eu não estava lá. Foi a mulher dele que me contou que ele começou a ler o jornal e, de repente, o Oswaldo caiu no choro em cima do jornal.

Tarso — Essa juventude aí, graças à repressão cada vez sabe menos de Mário e Oswaldo de Andrade. Eu queria que vocês dessem uma definição da personalidade dos dois.

Sérgio — E, depois que eles brigaram... ficavam se agredindo...

Paulo — Não. A briga foi esta: o Mário cortou relações com o Oswaldo.

Sérgio — Não. Mas ele, um dia, me contou uma coisa e depois eu vi na fita de cinema. Um belo dia, na casa da Carolina Guedes Penteado, estava lá todo o pessoal e chegou o Oswaldo — ele acabava de chegar da Europa — e estava uma fúria com o Villa Lobos. Dizia: "Villa Lobos não vale nada! Ficam vocês aí falando em Villa Lobos! Em Paris, ele só fez gaffe". Villa Lobos era mesmo meio primário assim pra conversar, né? Era bom na música. Mas aí a turma perguntou: "Ô Oswaldo! Você conhece música? Você não sabe nem "encontrar ponto"! Você sabe alguma coisa pra dizer isso sobre o Villa Lobos?" Aí o Oswaldo respondeu: "Bom... eu não sei mas foi o Mário que me disse que o Villa não vale nada". (risos).

Mas aí o pessoal: "Mas que coisa incrível! O Mário dizer uma coisa dessas!". E o Oswaldo: "Claro! mas você não vá dizer nada porque, prá mim, na intimidade, ele conta essas coisas, certo?". No dia seguinte, Carolina telefona para o Mário de Andrade: "Você é um hipócrita! Chega aqui e põe o Villa Lobos nas nuvens, diz que é um gênio e depois vai dizer prô Oswaldo que ele não vale nada!" E o Mário do lado de lá da linha: "Eu???!! Eu disse? Nunca disse uma coisa dessas!" O Mário saiu uma fúria com o Oswaldo. Quando chegou assim na rua 15 de Novembro encontra, por acaso, o Oswaldo. "Ô Oswaldo! Como é essa história que eu andei falando mal do Villa Lobos, que as coisas dele não prestam, que ele só comete gaffe? Hein? Como é que você faz uma coisa dessas?" Aí o Oswaldo com a maior tranquilidade: "Ah... Mário! Eu menti". (risos) Quando fui ver a fita Macunaíma eu vejo lá o Macunaíma dizendo "eu menti". O Macunaíma tem muito do Oswaldo.

Paulo — Mas quando o Mário rompeu com o Oswaldo, que chegou mesmo ao auge, foi um pequeno poema do Oswaldo — pois ele tinha seduzido a Pagu que era criada pela Tarsila. O poeminha dizia assim: "O lar de Tarsila vacila por causa do angu da Pagu" (risos).

Sérgio — Esse poema foi descoberto no Raul Bopp.

Paulo — O Oswaldo procurava logo um inimigo quando queria brigar, né?

Sérgio — O Oswaldo é que procurou fazer as pazes com o Mário. Uma vez, havia uma reunião assim, uma roda numa casa e chegou o Oswaldo dizendo aquelas graças de sempre e começou aquela coisa. E o Mário, achando uma graça enorme, não aguentou e caiu na gargalhada mas escondendo, sabe como é? Aí o Oswaldo quis chegar mais perto mas o Mário virou a cara e não quis saber. Veja: O Mário, sem querer, deu uma gargalhada com coisas que o Oswaldo dizia. Oswaldo tinha coisas assim: dizia que Coelho Neto tinha um grande futuro atrás de si (risos) Ele chamava o Coelho Neto de "Coelho Avô" (mais risos).

Paulo — Como é?

Sérgio — Oswaldo chamava Coelho Neto de "Coelho Avô" e dizia que o "Coelho Avô" tinha um grande futuro atrás de si (risos) Ah! E a seção de crítica literária que ele fez uns tempos? Era formidável! O Otávio Faria fez um livro chamado "Três Tragédias à Sombra da Cruz" e escreveu um prefácio onde dizia que a tragédia de Cristo tinha sido a maior tragédia da Humanidade e que ninguém, nem Shakespeare, tinham falado dela e que, então, tinha resolvido fazer. E aí, fez logo três (risos). Então, o Oswaldo, na crítica, começou logo assim: "O ilustre Dramalhurgo Otávio Faria" (risos). E foi por aí, nesse tom, até o fim da crítica.

Paulo — A anedota mais suave que ele contava da Helena Silveira, foi quando ela se casou com o Jamil Almansur Haddad, né? Então ele dizia que tinha se contratado com a Helena e dizia: "Helen! há muitos homens na sua vida?" E ela respondia "já Jamil". (Risos)

Tarso — Me diz uma coisa: como era a personalidade do Márcio de Andrade? Ele era um tipo fechado, quieto?

Sérgio — Não, não era fechado. Por exemplo, quando ele estava numa roda de chopp ele se abria muito.

Paulo — Ele estava bebendo muito no fim da vida...

Sérgio — É... no fim da vida ele estava bebendo violentamente.

Paulo — Quando ele foi expulso do Departamento de Cultura ele teve um trauma tremendo, se apaixonou...

Tarso — Já tinha esquecido a Tarsila...

Tarso — Vocês estavam brigados, não?

Paulo — É... mas um dia eu estava em casa, preparando um número especial da "Anhembi" — veja que a gente estava brigado há uns oito meses...

Sérgio — Um dia você estava lá em casa e quis bater no Oswaldo...

Paulo — Exato. Mas, então, nesse dia o Oswaldo ligou e disse: "Olha aqui, Paulo, eu estou internado aqui no Hospital Jabaquara e não estou passando bem. Você pode dar uma chegada aui?" Eu até fiquei admirado dele me chamar, né? Mas daí eu fui lá e o encontrei com as pernas muito inchadas. Perguntei quem estava tratando dele e ele respondeu que era um médico novo, um rapazinho muito simpático, etc. Aí eu falei: "Oswaldo, você precisa se tratar direito". Aí passei a mão no telefone e chamei o Jairo Ramos...

Sérgio — Que é o melhor cardiologista de São Paulo...

Paulo — É. O Jairo então apareceu meia hora depois, examinou o Oswaldo e disse: "Olha, você não tem nada. Com um pouco de repouso você arruma isto tudo. Vai para casa". Depois eu saí com o Jairo ele me disse: "O Oswaldo não tem cinco meses de vida. Você leva ele para casa que irei visitá-lo todos os dias para animá-lo. Mas ele vai morrer logo. "Aí eu passei a visitar o Oswaldo todos os dias — o Jairo ia de manhã e eu de tarde. Mas um dia ele teve um abscesso na cabeça, ficou passando muito mal e foi levado para o Hospital das Clínicas pelo Alípio Correi Neto, acabou ficando um tempo lá. Quando voltou para casa eu recomecei minhas visitas. Ia todos os dias.

Sergio — Eu estava na Itália, nesse tempo.

Paulo — Isso mesmo... você estava na Itália. Mas eu sei que um dia, pelas seis da tarde — eu não ia à casa do Oswaldo — ele me ligou e falou assim: "Olha aqui. Você não vem me visitar? Eu tenho tanta coisa para falar com você". Falei: "Vou daqui a pouco". Ele voltou a falar assim: "Mesmo porque..." Foi mesmo assim... ele parou de falar e eu ouvi um barulho, fiquei impressionado, peguei o automóvel e bati para lá. Ele tinha morrido no telefone, falando comigo.

Sérgio — O engraçado é que vocês tinham andado brigados...

Paulo — É. Mas ele brigava, depois aquilo passava, ele procurava a pessoa. Quer dizer, não tinha rancor, não tinha ódio não tinha nada.

Tarso — Não tinha caráter...

Sergio — Macunaíma.

Paulo — Isso, Macunaíma, herói sem nenhum caráter.

Sérgio — Veja você. O Mário, na minha casa, falou: "Vou morrer aos 55 anos". E morreu aos 55.

Paulo — É verdade. Ele, aliás, me escreveu uma carta que eu recebi só depois da morte dele. Dizia assim: "Alguma coisa está morrendo comigo, alguma coisa vai morrer, portanto".

Sérgio — "Alguma coisa está morrendo...", é.

Moacir — Em 1922 houve toda aquela movimentação cultural, que se estendeu pela década de 20 e de 40 e que tem ramificação até hoje...

Sérgio — O Paulo era contra e eu era a favor...

Paulo — Pois é...

Sérgio — ...eu tinha 18 ou 19 anos e já vendia a Klaxon no Rio...

Moacir — Os senhores acham que hoje haveria possibilidade de alguma coisa tão forte e frutífera como a Semana de Arte Moderna?

Paulo — Bem, eu não pertenci à Semana, mas sei o que ela representa dentro do panorama brasileiro. E a reconheço perfeitamente. Mas, na verdade, os que fizeram a Semana foram principalmente Di Cavalcanti, o Menotti Del Picchia, o Mário de Andrade, porque o Oswaldo veio depois.

Sérgio — Não: ele era da mesma época.

Paulo — Hein?

Sérgio — O Oswaldo era da Semana.

Paulo — Não era.

Sérgio — Ele fez a crítica aos "Condenados"...

Paulo — Não tenho certeza disso não...

Sérgio — Além disso Oswaldo escreveu, em 21, um artigo sobre o Mario de Andrade — "Meu poeta futurista".

Paulo — Ele escreveu isto, não é?

Sérgio — Antes da Semana...

Paulo — Isso foi na Anita Malfati que ele escreveu...

Sérgio — Escreveu no "Jornal do Comércio Santos — São Paulo".

Paulo — Pois é. Mas eu tenho a impressão que o Antônio Batista Pereira definiu a Semana de Arte Moderna. "Eles fizeram a Semana de Arte Moderna com os tapeceiros do Oriental faziam os tapetes: do lado do avesso". Eles nunca calcularam que aquilo ia ter a repercussão que teve. Não é verdade?

Sérgio — Não. Não é. A Semana Moderna foi mais um símbolo porque o movimento já existia. E de repente resolveram fazer aquilo. O movimento já existia.

Paulo — Ah, eles resolveram fazer piada. Klaxon é uma piada do princípio ao fim. Eles teceram o tapete pelo avesso.

Sérgio — Não. Não era piada não, porque o Mário fazia sério aquele negócio.

Tarso — O Mário fazia tudo a sério.

Sérgio — Tudo a sério.

Moacir — A obra dele é muito séria e a do Oswaldo também.

Paulo — Ah, não! A do Mário é muito mais séria.

Sérgio — O Oswaldo foi um demolidor. E demolia com muita graça, né?

"Eles têm por ideal uma Universidade sem aluno, porque aluno dá trabalho..."

Paulo Duarte

Paulo — Muita graça, muito talento.

Sérgio — Você já viu em Ponte grande aquela história da dona Lalá, "ontem vi dona Lalá". Tenho impressão que dona Lalá é Tarsilá-lá.

Moacir — De uma forma ou de outra, na geração que veio da Semana de Arte tem o Tristão de Athayde, todos aqueles poetas, os senhores, depois veio o romance de 30 que leva a Guimarães Rosa...

Paulo — Macunaíma.

Moacir — Exato. É toda uma sequência. Há indícios de que ocorre, hoje, algo tão importante quanto 22?

Paulo — Ah! Pode ocorrer, pode ocorrer.

Sérgio — É possível que ocorra, embora eu ache que foi uma geração excepcional, aquela. Aquele grupo de 22, foi uma bela geração.

Tarso — E não se esqueça: depois houve a tragédia mineira, em compensação. (risos).

Paulo — Eu acho que pode perfeitamente sair de repente um movimento semelhante.

Sérgio — Olha aqui! Acabou o uísque aí?

Tarso — Não.

Sérgio — Porque tem mais lá em cima.

Moacir — Mas, Paulo, existem condições culturais para isso?

Paulo — Não. Por enquanto não vemos. Agora, pode haver muita tente aí de grande categoria e que ainda não apareceu.

Moacir — Ou nem nasceu.

Sérgio — De repente, um Guimarães Rosa, não?

Paulo — É, mas a gente acha...

Sérgio — É. Mas Macunaíma preparou Guimarães Rosa, não é?

Paulo — Vivo ainda tem o Mário Quintana, que é um tipo muito curioso. O Mário Quintana é um sujeito formidável.

Sérgio — Havia um gaúcho formidável, o Augusto Meyer. Ele foi muito meu amigo. Quando ele estava de pileque também era engraçado.

Moacir — E o Paulo Prado na Semana?

Paulo — Bom, o Paulo Prado era um homem inteligentíssimo.

Sérgio — O Paulo Prado era um grande capitalista, presidente da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, essas coisas todas, e ele ia pra Europa sempre e se interessou por isso, sabe? Foi ele quem subsidiou a Semana de Arte Moderna.

Paulo — Ele era um homem altamente inteligente.

Sérgio — Cético, descrente...

Paulo — Absolutamente cético. Ele era pessimista, não era cético, basta ler o "Retrato do Brasil", não é? Muito bem feito, muito interessante até, mas é um livro de um pessimista, não é?

Sérgio — Ele foi amigo do Hélio, teve o...

Paulo — Ele atraía todas as inteligências que havia em São Paulo para a casa dele aos sábados. E acho que nunca um sujeito que não fosse inteligente...

Sérgio — E o Leopoldo de Freitas?

Paulo — Ele tinha mania de mostrar que falava muito bem o espanhol. Um dia na casa do Paulo Prado, o Paulo Prado perguntou: ô Leopoldo, o que é "colofeno" em espanhol? "Colofenos" são bonequinhas que se fazem na Espanha e pertencem ao folclore espanhol, respondeu o Leopoldo, que era gaúcho. Aí nisso entrou um outro e disse "colofeno" é breu. Aí o Leopoldo: as bonequinhas podem ser de breu. (risos).

Sérgio — Reuniram-se dois gaúchos aqui, também, excelentes. Todos dois Freitas, o Leopoldo de Freitas e o Herculano, não é?

Paulo — O Herculano...

Sérgio — Foi famoso, foi genro do Aldo Glicério.

Paulo — Que era muito, era muito inteligente.

Sérgio — Muito inteligente, esperto. Glicério, ex-ministro da Justiça do Hermes.

Paulo — Ele era genro do Glicério.

Sérgio — Genro do Glicério, ministro da Justiça do Hermes, não sei o que, então dizia. E saiu um escândalo numa casa de mulher da vida, não sei o que e no meio estava o Herculano. No dia seguinte o Glicério disse: olha aqui, você precisa tomar cuidado, você se deu conta de que se a Justiça vai num lugar desses, os jornais todos fazem um escândalo. Ele disse: meu sogro, a Justiça não dorme, a Justiça não dorme. E então o Leopoldo tinha isso, era gaúcho também.

Paulo — O Herculano era.

Sérgio — Não, o Herculano também era genro do Glicério e dizia que a Justiça não dorme.

Moacir — E o jornalismo que era feito naquele tempo, com toda essa gente, o Juó Bananére e tal.

Sérgio — O Juó Bananére era uma grande figura.

Moacir — Agora, em comparação com o jornalismo feito hoje, esse jornalismo que também pode ser resultado da decadência cultural em que se falou aqui...

Paulo — Os jornalistas de hoje, principalmente repórteres, eles têm muito pouca cultura. Começam não conhecendo nem o português, nem a língua que eles falam.

Tarso — Isso é o que mais se encontra.

Sérgio — Olha aqui, repórter político hoje tem de primeira ordem. Você vê, por exemplo, o Castelo Branco, o Pedreira.

Moacir — Esses são homens de 45, mais de 50 anos.

Paulo — Naquele tempo era um número enorme de gente.

Tarso — Naquele tempo o jornalista se confundia com o intelectual, quer dizer, hoje jornalismo é cheio de idiotas.

Moacir — Hoje existe a faculdade, que coloca a profissão de jornalista como técnico, então, hoje, o sujeito entra lá, aprende a fazer assim: isto aqui você tem que colocar na abertura da matéria, no "lead". E por aí.

Tarso — A fórmula do que, como, quando, onde, porque e acabou: acha que já é jornalista.

Sérgio — Preciso fazer uma coisinha, passa essa bengala aí. A bengala é meu pai nosso de cada dia nos dai hoje! Olha, mas tem muito uísque aqui embaixo ainda? Lá em cima tem à bessa, mas não posso subir. Ontem, tinha umas meninas aí, tomaram muito uísque, (olha a garrafa). Um restinho, não tem um restinho.

Tarso — (pega apressado outra garrafa, de baixo da mesa) — Não não, tem aqui, tem aqui.

Sérgio — Eu tenho medo que acabe, né? Cuidado com essa gente?

Paulo — Eu sou contra as escolas de jornalismo.

Tarso — Só um minutinho Paulo. É isso o que eu queria falar, quer dizer, gostaria que você nessa sua declaração colocasse o seguinte: falasse sobre o nível do professor e a mentira que se formou no negócio.

Paulo — Mas eu sou contra a escola de jornalismo e a razão é muito simples. Jornalismo é uma técnica e a Universidade não tem lugar para técnica, nesse sentido. O jornalista, quem forma verdadeiramente o jornalista é a faculdade de Filosofia e Letras, porque ensina Filosofia e ensina a pensar também, não é? Agora, ensinar a técnica de fazer uma paginação ou botar uma retranca, isso não é jornalismo, isso é evidentemente a técnica de oficina que o sujeito aprende dentro do jornal, de modo que é tempo perdido a escola de jornalismo. A minha opinião é essa.

Moacir — Copiaram dos Estados Unidos.

Paulo — Hem? E copiar como copiam tudo servilmente dos Estados Unidos, menos o que é bom, que os Estados Unidos têm.

Maria José — Você conhece algum bom professor de jornalismo?

Paulo — Não. Não conheço nenhum.

Tarso — Você acha que é possível ter um bom professor de jornalismo?

Paulo — É, talvez, talvez o Armando Falcão.

Tarso — Ele é um bom "copy-desk", né? (risos)

(Sérgio volta)

Tarso — Sergio, qual é sua opinião sobre escola de jornalismo? Você acha que é possível?

Sérgio — Eu acho isso uma besteira. Uma vez eu estava com a mulher do Gama e Silva. Ela disse: "Eu vou fazer uma escola de jornalismo". Eu disse: "É uma grande bobagem; existe uma escola da Gazeta, não vale. Ela disse: "Ah, não, eu faço questão, quero só saber quem pode ser professor." Eu disse: "O Julinho Mesquita". E ela disse que o Júlio já tinha passado da idade. Então o Rui Mesquita. Ela: "Não pode". Eu: "Por que?" Ela: Porque ele não me cumprimenta. (risos)

Miguel — Tem uma coisa, os jornais são dirigidos por profissionais "egressos" das faculdades de jornalistas. Todos os jornais atualmente são dirigidos por egressos das faculdades de jornalismo, está aqui o Tarso, editor do "Folhetim," o Cláudio Abramo, diretor da *Folha*, o Mino Carta, diretor do "Isto é". Todos da faculdade (risos).

Moacir — O grande jornalismo, o jornalismo de verdade, nunca foi feito por pessoa saída da faculdade.

Paulo — O Amadeu Amaral, que é um dos maiores jornalistas brasileiros, é pouco conhecido, mas foi um dos maiores jornalistas, ele só tinha o curso primário. Ele não tinha nem curso secundário.

Moacir — O Lima Barreto não completou os estudos. E, hoje, o sujeito, pra ser jornalista, precisa ter uma faculdade, senão ele não pode trabalhar.

Paulo — É, eu sei.

Moacir — Então, voltando àquela crise da Universidade...

Paulo — Uma das grandes falhas da Universidade hoje em dia é a faculdade chamada de Comunicações, que não comunica coisa alguma.

Tarso — Agora, vocês não são a favor da criação de uma escola de escritor? Faculdade de escritor?

— Sérgio — Uma faculdade de chatos, vamos fazer uma de chatos pra recolher todos esses chatos que estão aí, não é?

Tarso — O seu filho não pode compor, porque não está formado.

Sérgio — Ele foi fazer Arquitetura e o negócio estava tão ruim que ele virou músico.

Paulo — Terceiro ano.

Sérgio — Terceiro ano. Ele virou músico. Estava tão ruim o negócio que só dava pra ser músico, né? Até que se saiu bem, né?